

a arreentar uma no morro que fica nos fundos do colégio. A nossa professora de piano não tem vindo.

Lembranças a todos.

Seu filho

AFONSO”

(Carta de 28/9/1893 in *Correspondência*.
Lima Barreto tinha só doze anos)

Também no Engenho Novo se realizavam rodas no *Restaurante e Café Canalejas*. O salão dos fundos, depois das sete horas ficava escuro, pois, à noite não funcionava a cozinha e os fregueses eram atendidos somente com serviço de café e bar no salão maior. A princípio, o pequeno grupo se formava nesse salão, reunindo duas ou três mesas defronte a um espelho que se elevava como fundo de um pequeno tablado sobre o qual estava o piano, sempre ocupado por um pianista, a postos de sete até meia-noite e executando, a pedido, as músicas da moda — sambas, tangos, dobrados, valsas, polcas, raramente árias de óperas, que davam um ar mais refinado ao *Canalejas*, sem despesas para os frequentadores porque o artista era empregado da casa. Pouco a pouco, crescia o número de membros da roda. Vinham de bairros bem distantes como Jacarepaguá, Rio Comprido, outros intelectuais, amigos dos *habitués* para uma ou outra noite e ali passavam horas de bate-papo. Entre eles, nesse tempo, dois professores de ensino particular. Um, dedicado exclusivamente ao ensino primário, Lafayette Barbosa, que mantinha em casa um pequeno curso, pois a sala era pequena e abrigava uma única turma. O outro, Moisés Mesquita, dedicado ao ensino superior, era um grande preparador de candidatos à admissão em escolas de engenharia e escolas militares. Ensinava-se principalmente matemática a turmas a que ele atendia no centro da cidade e, às vezes, nos cursos preparatórios existentes. Era um autodidata com profunda preparação matemática e uma cultura geral de ciências bastante variada e sólida. Sua presença, como a de Lafayette, era intermitente, devido

aos horários do magistério. Havia outras figuras intermitentes, como funcionários públicos e professores.

Quando Lima Barreto apareceu no *Canalejas*, o dono da casa era imperturbável na caixa e um sobrinho o substituíra, à noite, pois às sete ele se retirava. Tinha um filho, rapazote, bonito, aí pelos dezesseis anos que não trabalhava no bar, era estudante, mas aparecia ali, tomava lá seu refresco, almoçava, e sendo, como bom espanhol de fácil contacto social, uma figura muito popular entre os frequentadores. O nome dele era Alonso, desde rapazinho era dado ao esporte das lutas, foi boxeador e figurou nas canchas, distribuiu e levou muita bofetada e murro. Pela maneira como tratavam o espanholito, houve uma suposição de que ele fosse tio de alguns membros da roda — porque se dirigia a todos tratando de “titio”, e insensivelmente, toda a rapaziada o imitou

— Titio, me dá isso. Titio, paga aí.

“Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando da-quele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver. . . Isto de uma ocupação única: sair de casa a horas certas, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!

— Cansa-me; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas da vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?